



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

PUBLIQUE-SE E
DISTRIBUA-SE

10/04/2015

[Handwritten signature]

VOTO DE PESAR N.º 266/ XII

PELO FALECIMENTO DE MANOEL DE OLIVEIRA

Faleceu no passado dia 2 abril 2015, Manoel de Oliveira, artista incansável, figura impar da Cultura portuguesa que aos 106 anos era o mais velho cineasta no ativo em todo o mundo.

Manuel Cândido Pinto de Oliveira nasceu a 11 de dezembro de 1908, na freguesia de Cedofeita, no Porto, 13 anos depois dos irmãos Lumière terem inventado o cinema.

Foi o seu pai que o fez descobrir os filmes de Charlie Chaplin e Marx Linder e mais tarde lhe permite adquirir, aos 18 anos, a sua primeira câmara de filmar.

É com ela que, em 1931, realiza o seu primeiro documentário, ainda mudo, sobre os trabalhadores da zona ribeirinha da sua cidade natal “*Douro, Faina Fluvial*”.

Esta primeira obra é exibida no *V Congresso Internacional da Crítica* em Lisboa em Setembro de 1931, onde foi recebida com uma enorme “pateada”. Manoel de Oliveira é então acusado “de dar a ver a estrangeiros gente descalça, rota e de triste condição”. Mas entre os ditos estrangeiros estava o grande dramaturgo italiano Luigi Pirandello e o crítico francês Émile Vuillermoz que, pelo contrário, admiram a mestria do jovem cineasta. Pirandello chega mesmo a ironizar à saída, dizendo que não sabia que em Portugal se aplaudia com os pés.

Esta estreia é de certo modo premonitória da duplicidade que, como bem descreve o crítico Sérgio Andrade, acompanhará toda a carreira do realizador: “*a desatenção e até algum desprezo por parte das plateias em Portugal, aplauso e a progressiva reverência no estrangeiro, principalmente em França e em Itália*”.

Com 20 anos, Manoel de Oliveira inscreve-se na Escola de Atores de Cinema, fundada por Rino Lupi, tendo em 1933 participado como ator em “*A Canção de Lisboa*” de Cottinelli Telmo, um dos primeiros filmes sonoros portugueses.

Se desde muito cedo o cinema se impõe quase como uma inevitabilidade ao jovem boémio Manoel Oliveira, este distingue-se também como desportista, tendo sido



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

campeão nacional de salto à vara, atleta do Sport Club do Porto, e corredor de automóveis.

Em 1942 Manoel de Oliveira filma a sua primeira longa-metragem “*Aniki-Bobó*” (1942), retrato da infância no ambiente cru e pobre da Ribeira do Porto. O filme é um fracasso comercial em Portugal mas, mais uma vez, atrai as atenções de comentadores internacionais que consideram o realizador um precursor do neorealismo no cinema por relatar com delicadeza e humor, o confronto das classes sociais presente até ao nível das crianças. “*Aniki Bobo*” é hoje um dos filmes mais icónicos da sua carreira e do cinema português.

Nos inícios dos anos 60, o realizador consegue finalmente um apoio institucional para a produção de dois filmes o “*Acto da Primavera*” em 1962 e “*A caça*” em 1963.

Após uma projeção do “*Acto da Primavera*”, registo pessoal e inesperado de uma representação popular da Paixão de Cristo, Manoel de Oliveira é detido pela Pide e passa dez dias no Aljube.

São necessários quase dez anos para que Manoel de Oliveira possa voltar a filmar regressando à ficção com o “*Passado e o Presente*”, uma sátira da sociedade burguesa portuguesa em 1971 e a partir de 1975 o ritmo com que filma acelera-se vertiginosamente, como que para recuperar as três décadas perdidas.

Manoel de Oliveira é o realizador da palavra não só pela recorrente adaptação de romances de grandes autores, com destaque para a colaboração com Agustina Beça Luis, mas também pela forma como a filma, como lhe dá a primazia no grande palco da vida que é o cinema.

Ao todo realizou mais de 50 filmes, entre eles: “*Benilde ou a virgem mãe*”, “*Francisca*” “*Non, ou a Vã Glória de Mandar*”, “*A Divina Comédia*”, “*Vale Abraão*”, e mais recentemente, “*O Estranho Caso de Angélica*” e “*O Gebo e a Sombra*”.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Para além do grupo de atores que lhe permaneceram fieis e o acompanharam nos últimos 30 anos de carreira como Luís Miguel Cintra, Diogo Dório ou Leonor Silveira, entre muitos outros, Manoel de Oliveira trabalhou com grandes figuras do cinema mundial como Marcello Mastroianni, Catherine Deneuve, Michel Piccoli ou John Malkovich.

Foi distinguido com os mais prestigiados prémios nacionais e internacionais, nomeadamente, com a palma de Ouro de Carreira no Festival Internacional de Cannes, na Bienal de Veneza com o Leão de Ouro, no Festival de Cinema Ibero-Americano, nos Globos de Ouro da Associação da Imprensa Estrangeira em Hollywood, no Festival de Montreal, no Festival Internacional do Cinema de Tóquio, no Festival de Cinema de Berlim, no Fantasporto, no Festival Internacional da Figueira da Foz, entre muitos

Ao longo da carreira recebeu várias condecorações, como seja, a de Comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, tendo sido a última a da Legião de Honra francesa, atribuída no ano passado.

Considerava que *“o cinema, aliás como todas as artes, só serve para reproduzir a vida”*. Por isso durante os 80 anos de carreira, Manoel de Oliveira procurou contar toda a complexidade da vida, onde se cruzam os sentimentos e as paixões que ditam a nossa história individual e coletiva, nas conquistas e nas derrotas. Mas queria fazê-lo de forma simples pois considerava que *“ser simples quer também dizer ser claro, e ser claro é trazer à superfície o que é mais profundo”*.

Contrariamente ao que muitas vezes se afirmou, e apesar do reconhecimento internacional, Manoel de Oliveira sempre sofreu com a pouca visibilidade da sua obra em Portugal. Nunca perdia uma oportunidade para o afirmar. Aquando da celebração dos seus 100 anos lamentava que se falasse mais da sua idade do que dos seus filmes. Mas nunca aceitou limitações à sua liberdade criativa, nem à dos seus colegas cineastas.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Considerava que o trabalho de um realizador é essencialmente um “ato ético” logo não negociável.

Mas o cinema era também o que o mantinha em vida: “Deixar de trabalhar é morrer, se me tiram o cinema morro” dizia, para explicar a sua longevidade.

A sua última obra foi a curta-metragem “O Velho do Restelo”, que estreou no dia em que completou 106 anos, a 11 de dezembro de 2014.

A Assembleia da República, reunida em Plenário, presta a devida homenagem ao mestre que com a sua arte tanto deu ao país e apresenta à sua família e amigos as mais sinceras condolências.

Assembleia da República, 10 de abril de 2015

Os Deputados,

Marganda Almeida
Feijó e Antunes (PSI)
Milouzeiros y. Pereira (PSD)
José António de
(ISVI DA AGUINCHA)

Henrique Santos

Alameda Carlos (BE)
Pedro Pinto

Manh. Marques (PSD)
Janelma Leal (PSD)
Adriana Leite (PSD)

Luís Monteiro

Isabel de Fedeiros (PS)

Amadeu Soares Alegria
Luís Pereira (PCP)

Luís Pereira

Carolina Canavilhas

Carolina

Carolina

Rosa Nazaré

Emília Santos

Maria José
Castelo Branco